

**CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA PUCRS
(ESPECIALIZAÇÃO)**

Instituto de Letras e Artes

- Literatura Brasileira
 - * Aprovado pelo COCEP - Parecer nº08/90 de 11/01/90
 - Duração: 360 horas/aula
 - Coordenação: Regina Zilberman

 - Literatura Infantil
 - * Aprovado pelo COCEP - Parecer nº19/90 de 28/06/90
 - Duração: 360 horas/aula
 - Coordenação: Regina Zilberman
- Informações: ILA - Fone/Fax: (051) 320-3676

A aquisição de 'eu' e 'tu' na relação mãe-criança: intersecções entre a Lingüística e a Psicologia

DENISE SILVEIRA ISSLER
PUCRS

INTRODUÇÃO

Neste artigo apresento um breve resumo de minha tese de doutorado (Issler, 1997) sobre a aquisição dos pronomes pessoais 'eu' e 'tu' (e demais pronomes de primeira e de segunda pessoa), realizada sob a orientação da profª Drª Regina Ritter Lamprecht.

Há muito anos o processo de aquisição dos pronomes pessoais, especialmente de 'eu', tem sido objeto de estudo em diferentes áreas. Na literatura sócio-psicológica a aquisição pronominal tem sido investigada, desde o início do século, com o intuito de dar suporte a indagações sobre a gênese do auto-conceito - *self-concept* (Cooley, 1908; Bain, 1936). Estudos com crianças autistas (Bettelheim, 1987) e cegas (Fraiberg e Adelson, 1973) procuraram inter-relações entre a aquisição do pronome 'eu' e o desenvolvimento psíquico da criança. Na literatura lingüística os estudos sobre a aquisição pronominal proliferaram a partir da década de 70, tendo como foco o processo de aquisição na criança pequena (Huxley, 1970; Sharpless, 1974; Strayer, 1977; Clark, 1978; Charney, 1978; Tanz, 1980; Loveland, 1980; Oshima-Takane, 1985). No final da década de 70 surgem, também, estudos que investigam a utilização de pronomes pessoais na fala da

¹ Os parênteses significam que está sendo mencionada a palavra 'eu' e não que ela está sendo usada para eu me auto-referir.

mãe dirigida à criança pequena' (Wills, 1977; Rabain-Jamin e Sabeau-Jouannet, 1989).

Em minha dissertação de mestrado (Issler, 1993), repliquei para o Português um estudo (Loveland, 1984) sobre a relação da aquisição de 'eu/tu' com o desenvolvimento da noção de ponto de vista espacial, medida através de determinados testes cognitivos. Meus resultados, diferentemente dos de Loveland, não indicaram uma relação linear e direta entre a aquisição pronominal e esse desenvolvimento cognitivo. Em leituras sobre o assunto eu deparava-me, cada vez mais, com as possíveis inter-relações entre a aquisição desses pronomes e o desenvolvimento psíquico da criança, e com o papel da fala da mãe nesse processo, uma vez que ela utiliza diferentes formas referenciais quando se dirige ao seu filho.

Minha tese insere-se nessa longa caminhada e procura oferecer uma contribuição a respeito das intersecções entre a linguagem e o psiquismo. O ponto de partida é a utilização das formas de referência ao falante e ao destinatário (não somente os pronomes pessoais 'eu' e 'tu') a partir de duas vertentes: de um lado, a fala da mãe dirigida à criança e, do outro, a fala da criança com desenvolvimento normal. Tenho como objetivo, antes de tudo, mostrar pontos de contato entre a Linguística e a Psicologia, mais do que apresentar certezas ou conclusões estruturadas. Através da descrição detalhada de um fenômeno lingüístico procuro apontar, para a Psicologia, como aspectos da linguagem, tanto da mãe quanto da criança, podem dar indícios do funcionamento psíquico. Procuro apontar, para a Linguística, como aspectos do desenvolvimento psíquico podem oferecer explicações viáveis para algumas características da aquisição da linguagem, especialmente no que diz respeito à aquisição pronominal. Proponho-me iniciar um diálogo que possa ser enriquecedor para ambas as áreas.

BREVE FUNDAMENTAÇÃO

Na fala entre adultos, os pronomes pessoais 'eu' e 'tu' são convencionalmente utilizados para referir às pessoas que ocupam,

² A fala da mãe com a criança, por suas características particulares é considerada um registro de fala e recebeu diferentes denominações ao longo dos anos, como 'Baby Talk' (Ferguson, 1977), 'Motherese' (Newport, 1977), e 'fala dirigida à criança' (Gleason, 1977). Adotei a denominação 'fala dirigida à criança pequena' (FDCP), por considerá-la mais elucidativa quanto ao fenômeno lingüístico observado nas pessoas que se dirigem a bebês de até 1 ano e a crianças pequenas de até 3 anos, não transmitindo uma idéia de fala infantilizada ou de um registro exclusivo das mães.

respectivamente, os papéis de falante e de destinatário em uma conversação – o pronome 'ele' refere-se à pessoa sobre a qual se fala, ao papel de não-participante (Benveniste, 1966). A relação entre os papéis de fala e os pronomes pessoais é de mútua exclusividade (Brenner, 1983). O falante para fazer uma auto-referência é obrigado, por uma regra de pronominalização, a empregar o pronome 'eu' e para se referir ao destinatário (ao seu interlocutor) somente pode utilizar o pronome 'tu' (Waryas, 1973). Embora o significado desses pronomes e sua relação com os papéis de fala sejam conhecidos e invariáveis, o mesmo não se pode dizer em relação ao referente que designam. Os pronomes são variáveis para alguma entidade particular dada pelo contexto. Assim, a referência dos pronomes 'eu' e 'tu' depende de quem assume os papéis de falante e de destinatário, respectivamente, em uma conversação. Isso faz com que em um diálogo entre duas pessoas haja uma alternância de referência a cada mudança de turno (Lyons, 1977).

Uma criança com desenvolvimento normal leva cerca de três anos para adquirir esses pronomes e utilizá-los adequadamente em todas as situações nas quais eles são requeridos em sua língua materna. Conforme visto, ela precisa aprender que

- os pronomes designam papéis de fala ('eu' = falante, 'tu' = destinatário, 'ele' = não-participante);
- cada pronome designa sempre o mesmo papel de fala (significado invariável);
- a relação entre papéis de fala e pronomes, além de invariável, é estabelecida sobre um critério de mútua exclusividade ('eu' ↔ falante, 'tu' ↔ destinatário, 'ele' ↔ não-participante);
- os pronomes aplicam-se a qualquer referente que assumam os papéis que designam (variabilidade na referência, por exemplo, 'eu' = Maria falando, 'eu' = João falando,...);
- os pronomes de primeira e de segunda pessoa sofrem alternância de referência quando há troca de turno entre os participantes de uma conversação;
- na compreensão ela, criança, é 'tu' e na produção é 'eu';
- pronomes e nomes não são intercambiáveis em todas as situações de uso;

³ Em certas situações discursivas, diferentemente da fala habitual, o falante pode utilizar outras formas referenciais. Pessoas públicas, algumas vezes referem-se a si própria através de formas nominais, por ex. o presidente FCH pode dizer em um discurso "O Presidente vai tomar as medidas cabíveis para...".

- há regras governando a escolha de formas referenciais (pronominalização obrigatória da referência ao falante e ao destinatário).

Ao longo do processo de aquisição dos pronomes 'eu' e 'tu' a criança utiliza formas não-convencionais de referência, isto é, outras formas lingüísticas que são empregadas onde se exigiriam esses pronomes. Tais formas podem ser nominais (nome próprio ou termos de parentesco) ou pronomes deslocados de sua função original. Muitos estudos consideram a utilização de formas referenciais não-convencionais como erros da criança. Considero que essas produções (também na fala da mãe) cumprem um papel na relação da mãe com seu filho e na aquisição dos pronomes 'eu' e 'tu'. O "erro" mais comum é a utilização de formas nominais nas referências; também se verifica a inversão pronominal ('tu' no lugar de 'eu' e vice-versa) em crianças normais (Huxley, 1970). Quanto à ordem de aquisição, as crianças, inicialmente, referem-se ao destinatário através de formas nominais, após passam a utilizar formas de auto-referência (geralmente primeiro formas nominais e após o pronome 'eu'), por fim passam a usar o pronome 'tu' na referência ao destinatário (Huxley, 1970; Oshima-Takane, 1988).

Assim como a criança, a mãe,⁴ na fala dirigida à criança pequena (FDCP) também utiliza outras formas de auto-referência e de referência ao destinatário, além dos pronomes convencionais 'eu' e 'tu', respectivamente, o que diferencia-se marcadamente da fala entre adultos. Wills (1977), estudando a interação de 5 triádes pais-criança de 0;9⁵ a 1;3, fez uma categorização das formas referenciais cujas principais categorias, relevantes para o Português são: (a) falante designado por formas de 3ª pessoa (formas nominais – 'mamãe' – e pronomes de 3ª pessoa); (b) falante designado por formas de 1ª pessoa do plural ('nós', 'vamos', 'a gente'); (c) destinatário designado por formas de 3ª pessoa (nome da criança, 'ele/ela'); (d) destinatário designado por formas de 1ª pessoa do plural; (e) substituição de papéis (pais falando desde o lugar do bebê, como porta-voz, ou assumindo papéis de bonecos e animais).

Uma análise preliminar da FDCP sugere que não há restrições quanto ao uso de formas referenciais (segundo Wills, apenas o pronome de 3ª pessoa do plural – 'they' é utilizado consistente-

mente do mesmo modo que na fala adulta). Mas, considerando que os pais não utilizam as formas não-convencionais quando falam com as crianças maiores, pode-se concluir que elas são suprimidas durante os primeiros anos de vida. Rabain-Jamin e Sabeau-Jouannet (1989), estudando 6 díades mãe-bebê longitudinalmente, aos 0;3, 0;7 e 0;10, puderam observar variações na utilização de formas de referência ao destinatário-bebê à medida que ele cresce. Estudando diferentes contextos de enunciação observaram que por volta dos 0;7 as mães passam a considerar, cada vez mais, os bebês como sujeitos que participam voluntariamente das ações. Por essa época, o uso de pronomes de 3ª pessoa diminui e aumenta o uso de pronomes convencionais de 2ª pessoa – 'tu'; o uso de pronomes de 1ª pessoa (falar 'eu' pelo bebê) sofre certas restrições e, praticamente, inexistente aos 0;10.

Ambos os estudos procuram explicações para os diferentes usos de formas referenciais na FDCP. Resumidamente, Wills (1977) considera a utilização das diferentes formas como resultado de diferentes processos (objetificação – uso de formas de 3ª pessoa; humanização – falar pelo bebê ou por bonecos; unificação – uso de 'nós' e desassociação – apagamentos não relevantes no Português). Segundo essa autora, o uso de formas pronominais não-convencionais confundiria a criança quanto à distinção entre papéis e quanto à identidade dos referentes, embora o propósito desse uso seja a criança aprender que ela tem três rótulos que vão com os diferentes papéis – 'eu', 'tu' e nome ou pronome de 3ª pessoa.

Rabain-Jamin e Sabeau-Jouannet (1989) discordam de Wills quanto à variabilidade pronominal na fala da mãe ser fonte de confusão, considerando-a um *input* sistemático. Para essas autoras, as diferentes formas de referência ao destinatário são modos lingüísticos através dos quais as mães, interagindo com seus filhos, definem as posições de ambos no ato comunicativo. Compartilho a opinião dessas autoras e, em minha pesquisa, analiso também as formas de auto-referência na fala da mãe, procurando também aí indícios que favoreçam a estruturação da criança como um sujeito (um *self*), bem como o papel que a mãe desempenha nessa relação.

Em termos psicológicos, o nascimento psicológico do ser humano é um processo intrapsíquico que evolui lentamente, não coincidindo com seu nascimento fisiológico. (Mahler, 1982, 1986). Para a criança, a formação de seu *self* ("a pessoa que eu sou") é um processo evolutivo lento, que precisa se desenvolver em relação a um plano físico (ao próprio corpo) e a um psicológico (ao seu objeto primário de amor – mãe). Ao nascer o bebê não percebe as sensações internas como suas nem o ambiente à sua volta, humano ou

⁴ Utilizo o termo 'mãe' apenas por uma simplificação do texto e por ter pesquisado principalmente a fala da mãe com a criança; considero que as mesmas observações se aplicam à fala do pai, dos irmãos maiores e de outros cuidadores do bebê e da criança pequena.

⁵ As idades têm a seguinte representação: 0;2 = dois meses de idade, 2;2 = dois anos e dois meses de idade.

inanimado. No primeiro mês de vida ele vive uma relação de indiferenciação com sua mãe (e ela com ele, em função da gravidez e parto). No segundo mês inicia-se uma diferenciação rudimentar e aos 0;5/0;6 inicia-se um processo que Mahler denominou de 'separação-individuação', que se caracteriza por um aumento constante da consciência do desligamento entre eu e outro, que coincide com as origens do sentido do *self* (eu), da verdadeira relação de objeto, e da consciência da realidade do mundo externo.

Mahler define 'separação' como a "aquisição intrapsíquica de um sentido de desligamento da mãe e, através desse, do mundo em geral" e 'individuação' como "aquisições que marcam o momento em que a criança assume suas próprias características individuais". O processo de separação-individuação desenvolve-se dos 0;5/0;6 até os 2;6/3;0, passando por fases e chegando ao sentimento de um sentido primitivo de *self* (eu), de identidade individual, e às etapas que levam à constância do objeto libidinal e do *self* (eu). A primeira etapa – 'diferenciação' – vai dos 0;5/0;6 até 0;10. Caracteriza-se por um aumento das funções motoras do bebê, como sentar, trepar, engatinhar, e a conseqüente diminuição de sua dependência total da mãe. A segunda – 'exploração' – ocorre entre os 0;10 e 1;3, no período em que a criança é capaz de engatinhar e de tornar-se fisicamente mais autônoma, estendendo seus limites e passando a explorar a realidade que a cerca. A terceira – 'reaproximação', inicia quando a criança começa a caminhar e se estende, aproximadamente, de 1;2 até 1;10. Essa etapa caracteriza-se pela capacidade de a criança poder, através da locomoção, separar-se fisicamente da mãe. Ao mesmo tempo em que a criança experimenta com prazer sua capacidade cada vez maior de explorar e dominar o mundo que a cerca, surgem sentimentos de ansiedade frente à crescente conscientização de sua separação da mãe, o que faz com que a criança volte periodicamente a procurar a mãe, parecendo necessitar de "reabastecimento emocional" (Mahler, 1982). Ao ultrapassar essa etapa, a criança entra na quarta subfase do processo (algumas vezes denominada por Mahler de 'a caminho da constância objetal').

"A quarta subfase é caracterizada pelo desenvolvimento de complexas funções cognitivas: comunicação verbal, fantasia e critério de realidade. Nesse período de rápida diferenciação do ego, dos vinte ou vinte e dois meses até os trinta ou trinta e seis meses, a individuação desenvolve-se de tal maneira que mesmo uma descrição superficial fugiria ao objetivo deste estudo. É suficiente dizer que o estabelecimento de representações mentais do *self* distintamente separadas das representações de objeto abrem caminho para a constância objetal. A presença real e constante da mãe não é mais tão imperativa." (Mahler, 1982, p. 39).

METODOLOGIA

Os dados foram coletados em situações de interação de díades mãe-filho. Três crianças (João, Rafael e Tatiana) foram gravadas quinzenalmente em áudio e vídeo em suas casas, desde a idade de 1;6 até 3;0. Durante trinta minutos de gravação as crianças e suas mães interagiam espontaneamente, utilizando brinquedos que eu lhes fornecia. Além dos dados de fala dessas três crianças e de suas mães obtive dados adicionais relevantes.

Em função de estar realizando um curso de formação em psicoterapia infantil, tive a possibilidade de acompanhar o desenvolvimento de um bebê, em interação com sua mãe, desde seu nascimento até um ano de idade. Essa díade foi gravada em vídeo quando o bebê (Roberto) tinha 0;1, 0;3, 0;6, 0;9 e 1 ano de idade. Além dos dados de fala da mãe desse bebê, também utilizei dados de fala das mães de outros dois bebês (Carolina e Paula), gravados longitudinalmente por duas psicólogas⁴, minhas colegas no curso de formação em psicoterapia. Todas as gravações foram transcritas por mestrandas⁵ do curso de pós-graduação em Letras da PUCRS, que puderam utilizar os dados em trabalhos e dissertações sobre aquisição da linguagem.

Quanto à fala da criança pequena, também utilizei dados que registrei em um diário de meu filho, Guilherme, quando ele tinha de 1;8 a 3;0, época em que eu já investigava a aquisição pronominal. Assim, meus dados abrangeram os três primeiros anos de vida da criança, a partir de duas vertentes: a fala da mãe (de bebês e de crianças pequenas) e a fala da criança entre 1;6 a 3;0 (período em que está adquirindo os pronomes pessoais 'eu' e 'tu'). Seguindo os parâmetros observados em diversos estudos sobre aquisição pronominal, as crianças eram de classe média e não foram pareadas quanto ao sexo.

⁴ Agradeço às psicólogas Christine G. Nunes e Maria Fernanda S. Hennemann, que, generosamente, ofereceram-me seus dados coletados no Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e Adolescência (CEAPIA), com a autorização da instituição.

⁵ Agradeço às mestrandas Adriane de Felipe Rodrigues e Claudia Pacheco Crippa, que transcreveram a maioria das entrevistas, e também às mestrandas, Elisa Ludwig Schulz, Gilsenira de A. Rangel, Maria Eulália Pitrez Duro, Paula Fernanda de S. Eick e Raquel Brodacz, que colaboraram realizando algumas transcrições.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA FALA DIRIGIDA À CRIANÇA PEQUENA

A partir da descrição e análise dos dados de FDCP realizo uma categorização das formas de auto-referência e de referência ao destinatário. Tomo como base as categorias propostas por Wills (1977), porém realizo uma categorização diferente, em alguns pontos, uma vez que levo em conta aspectos do contexto de uso não considerados por aquela autora.

O recém-nascido é sensível às trocas com seus cuidadores (Cramer, 1983) e uma "mãe comum devotada" (Winnicott, 1982) é capaz de se conectar com seu bebê, de captar os sinais enviados por ele e de iniciar uma troca social através de interações que vão atribuindo significado aos seus estados e intenções. A mãe fala com o bebê desde o início de sua vida, engajando-o em uma "conversação" que, em relação às formas de referência ao falante e ao destinatário, apresenta características peculiares. A mãe fala com seu bebê utilizando muitas formas não-convencionais. Um tipo de situação em que isso claramente ocorre é quando a mãe fala desde o lugar de um outro (fala pelo bebê, por um boneco, personagem ou animal). Wills (1977) classifica todas essas situações em que os pais falam desde o lugar de um outro como sendo substituição de papéis, mas esse falar como representante de um outro pode apresentar-se sob diferentes aspectos. A mãe pode falar pelo bebê com o próprio bebê ou falar pelo bebê com uma terceira pessoa: duas situações bem distintas, conforme será visto a seguir.

O fato de a mãe falar desde o lugar do bebê com ele próprio faz com que ela utilize o pronome pessoal 'eu' de forma não-convencional, uma vez que este se refere ao bebê:

[Mãe oferece o dedo para o bebê]

M: Tu pensa que eu sou burra, né?!

M: Eu quero é o teu seio. [Carolina 0;1]

M: Tá com fominha?

M: Mãe, tu não entende que eu tenho fome?! [Paula 0;1]

Considero que, quando a mãe fala desde o lugar do bebê com o próprio bebê, cria-se uma situação linguisticamente complexa: pode-se dizer que há dois falantes e dois destinatários em relação aos enunciados que a mãe produz. O bebê é o *destinatário real* dos

* M = mãe e os enunciados produzidos desde o lugar do bebê são sublinhados; as formas analisadas estão em itálico.

enunciados mas é o *falante virtual*, uma vez que a mãe fala como sua porta-voz. Do mesmo modo, a mãe é a *falante real*, embora possa ser considerada o *destinatário virtual* desse tipo de enunciado, já que o bebê estaria falando para sua mãe. Falar desde o lugar do bebê com o próprio bebê coloca a mãe em uma situação paradoxal na qual ela precisa eleger formas referenciais tanto para si quanto para seu bebê.

Quanto à referência ao bebê não parece haver problemas. A mãe se identifica com ele, coloca-se em seu lugar e fala como sua representante. Pode dizer 'Eu tô com frio', ainda que ela tenha calor, sem que isso seja contraditório ou incoerente: ela pode assumir a função de um eu para seu bebê – o falante virtual – sem deixar de ser, ela própria, um eu distinto e independente. Já na referência à si própria, obtive escassos exemplos da utilização de 'tu' (como os acima apresentados), tendo constatado que outros estudos não mencionam esse uso. Isso talvez se justifique pela dificuldade da mãe em ser, simultaneamente, um eu e um tu. Nos dados pesquisados foram comuns enunciados em que o pronome 'tu' era omitido ou que a mãe se colocava como uma terceira pessoa:

M: Pensa que eu sô o quê? Não deixou nem eu arrotá, me botô no carro. [Paula 0;3]

M: A minha mãe acha que eu sô calorenta. [Carolina 0;3]

Esse falar pelo bebê com ele próprio foi encontrado até 0;6 e após praticamente não foi verificado; mas o falar pelo bebê com uma outra pessoa foi muito observado até 0;9. Por volta de 0;6 há um incremento das funções motoras do bebê, de suas atividades voluntárias; ele diminui sua dependência absoluta da mãe e entra numa fase de diferenciação em relação ao seu processo de separação-individuação (Mahler, 1982). Quando há uma terceira pessoa envolvida forma-se uma relação triangular, tornando a diferenciação mais presente. Além disso, a mãe não tem dificuldades nas referências: o bebê é sempre referido por 'eu', a outra pessoa por 'tu', e ela, a mãe, é sempre referida como uma terceira pessoa em relação à situação:

P: Oi Fernanda, tudo bom? Eu sou Carolina. [aos 0;1 para a observadora]

M: Papai me pega, eu tô com saudade. [Paula 0;2]

Já o falar por bonecos, objetos ou animais percorre um caminho diverso. Aos 0;6, quando a fala dos pais desde o lugar do bebê está desaparecendo ou em franco declínio, os pais introduzem as brincadeiras de faz-de-conta, passando a falar por personagens,

uma vez que o bebê passa a tomar maior contato com o ambiente humano e não-humano que o cerca:

P: Olá, como vai a Carolina? *Eu* sô a Minie. [por fantoche – Carolina 0;6]

Esse falar por bonecos ou animais prossegue, até que mais tarde, a criança participa ativamente dessas brincadeiras de faz-de-conta interagindo e, posteriormente, falando:

M: Dá a mão, dá a mão. [para uma enorme boneca]

P: Dá a mão pra boneca... Vamo passeá. [Paula 1;0]

M: Abre essa porta que *eu* quero entrá. [pelo lobo mau, para Rafael 1;7]

[Mãe fala por Pateta, e Tatiana por Mickey]

T: Ó Pateta, essa aqui é a *minha* cama.

M: *Eu* também quero. Faz uma *pra mim*? [Tatiana 2;7]

Falando desde seu próprio lugar a mãe utiliza diversas formas referenciais. Wills (1977) observa que 'nós', usado não-convenionalmente, é o pronome pessoal mais ambíguo no que diz respeito ao seu exato referente, o que também constatei. Verifiquei que há muitos enunciados nos quais a mãe diz 'nós', 'a gente' ou 'vamos', para referir-se a uma ação que só ela produz, isso é, para fazer uma auto-referência:

P: O que que tu vai querê hoje, *pra gente* fazê a troca [de fralda]? A Minie? [Carolina 0;8]

M: *Vamo* limpá o nariz, vem cá. [João 2;6]

Nesses exemplos fica claro que a criança também está, de algum modo, implicada na ação, seja porque a mãe executa a atividade manuseando a criança ou porque a ação trará conseqüências para ela.

A mãe também utiliza o pronome 'nós' na referência ao destinatário para referir a uma ação ou atividade ocorrida com a criança, mas que depende, de algum modo, da mãe para sua execução, estando, nesse caso, ambas implicadas na ação:

M: *Vamo* naná um pouquinho? [embalando Roberto 0;3]

[Carolina 0;6 vai ao pediatra – perdeu peso]

M: ... mas logo *a gente* recupera, né filha?

M: *Vamo* comê uma colherada de purê? [Mãe dando comida para João 1;8]

Wills (1977) considera todos os enunciados nos quais a referência é feita através de formas de 1ª pessoa do plural como sendo parte do processo de unificação e obscurecendo as distinções entre mãe-criança. Embora admita a unificação, considero esses enunciados similares ao uso convencional de 'nós', pois ambos, mãe e criança estão envolvidos na ação e, portanto, na referência. Para mim, há apenas duas situações em que o uso de 'nós', de fato, obscurece a distinção entre o eu e o outro, levando a uma não-diferenciação. O primeiro caso, na auto-referência, ocorreria em enunciados nos quais a mãe atribui a ela e a seu filho, através do uso de 'nós', eventos que dizem respeito unicamente a ela, o que não encontrei. O outro caso, ocorreria na referência ao destinatário, quando a mãe, ao dizer 'nós', se inclui em eventos que dizem respeito unicamente ao seu filho, o que se constata em apenas três situações com bebês:

M: Tu tá com gripe? *Nós tamo* gripadinha? [Carolina 0;3 é que estava gripada]

M: *A gente* tava com sede... o churrasco tá salgado... [Roberto 0;7 tomara o suco diversas vezes durante a sopa]

M: *Regurgitamos*... [Quando Roberto 0;8 regurgita no chão]

Quanto à utilização de formas pronominais de 3ª pessoa, encontrei poucos exemplos do uso de 'ela' na auto-referência:

M: Que mãe, né, olha o que *ela* foi arranjá! [A mãe de Carolina 0;1 está doente]

Mais comum, no entanto, foi a repetição da forma nominal em vez de sua substituição pelo pronome de terceira pessoa correspondente ('ela'):

M: Como é que *a mamãe* diz quando *a mãe* tá braba? Hum? [Tatiana 1;8]

Sugeri que a dificuldade em se auto-referir por 'ela' é similar à de se auto-referir por 'tu'. A mãe há muito tem uma auto-representação mental como um eu e, nesse caso, pode sentir-se incoerente e, de certo modo, dissociada se optar por referir a si própria através de 'ela': como é possível a falante-mãe ser um eu próprio e, simultaneamente, um outro (ela)?

Já na referência ao destinatário-bebê todas as mães utilizaram os pronomes de terceira pessoa desde que os bebês eram recém-nascidos e seguiram utilizando-os ao longo do primeiro ano de vida (embora com frequência inferior ao uso do nome da criança).

M: Agora *ele* vai trocá a fralda, vai mamá um mamazão...
[Roberto 0;2]

P: Olha, *ela* tá botando o relógio. Deixa o pai botá o relógio.
[Paula 1;0]

Sugeri que o que está em jogo no uso de pronomes de terceira pessoa na FDCP é o estabelecimento do papel de um outro. Esse uso tão precoce, aliado a um declínio ou até inexistência desse uso após a criança ter 1;6, indica que os pronomes pessoais 'ela' e 'ele' servem, principalmente, para auxiliar a mãe a criar uma representação de seu próprio bebê como um outro separado e distinto dela. Esse uso é maior enquanto o bebê está fisicamente junto à mãe, e diminui à medida em que ele cresce, passa a caminhar e a separar-se cada vez mais da mãe. Quando a criança já é um pouco maior, o que se coloca em evidência na relação mãe-filho não é mais apenas a separação entre ambos, mas a construção e o reconhecimento da individualidade de cada um dos membros da díade.

Wills (1977) afirma que o pronome de 3ª pessoa do plural 'eles' ('they') é o único que é consistentemente usado na FDCP como na fala adulta. No entanto, encontrei um exemplo em que o pronome 'eles' é utilizado substituindo o pronome de tratamento 'vocês':

M: Dá um beijinho nele, Rafa.

[Rafael beija o irmão; mãe olha para os filhos exclamando]

M: Ai, como *eles* são queridos!

M: Como *eles* são queridos, esses dois!

[para Rafael 1;8 e seu irmão Gabriel 3;3]

Esse exemplo claramente demonstra que não há pronome pessoal que não possa ser utilizado de modo não-convencional pela mãe na FDCP.

Quanto à utilização de formas nominais nas referências, pode constatar que elas são as formas mais freqüentes ao longo dos três primeiros anos de vida da criança. O nascimento de um filho, principalmente o primeiro, "vem acompanhado de uma mudança de status: da condição de filho ou filha passa-se à de pai ou mãe" (Cramer, 1993). Pode-se dizer, no entanto, que esse novo papel, inaugurado com o nascimento do bebê, já vem sendo construído desde a gestação. Assim, não é de se estranhar que as formas nominais 'mãe' e 'mamãe' já sejam utilizadas pelas mães na auto-referência desde que o bebê é recém-nascido:

M: Ui! Que *mãe* desajeitada! [Roberto 13 dias]

M: Ui, gorda. Quem é a gorda *da mamãe*? É. [Paula 0;1]

As mães seguem utilizando essas formas nominais, porém elas tendem a ser menos freqüentes após 2;0 ou 2;6. Já a referência ao destinatário através do nome do bebê somente foi observada aos 0;3, não estando presente nos dados dos recém-nascidos, aos 0;1:

M: Ai, ai, ai! *Paula* não tá a fim de mamá. Mas que milagre!
[Paula 0;3]

M: Cadê a toalha *da Carolina*? [Carolina 0;3]

B: É! O pezinho *do Roberto*... [Babá para Roberto 0;4, que mexe os pés]

Sugeri que enquanto o papel de mãe vem se construindo em um crescendo, desde a gestação, e se incrementa com o nascimento do bebê, a relação com o filho passa por uma transformação após o nascimento. O bebê, antes de nascer, tem uma representação que não se baseia em suas características reais, que até o nascimento são desconhecidas. Na literatura psicológica utiliza-se o termo 'filho imaginário' (Soulé, 1987) para definir esta relação. Com o nascimento o bebê real substitui para a mãe o filho imaginário, mas enquanto este era conhecido, aquele suscita uma "inquietante estranheza" (Soulé, 1987). O confronto com esse desconhecido leva os pais a buscarem traços semelhantes consigo e com seus familiares a fim de "atenuar a sensação de inquietante estranheza que havia aparecido com a figura do recém-nascido" (Soulé, 1987, p. 156). Para os pais, em especial para a mãe que o gerou, o bebê ainda não desenvolveu sua individualidade e está em uma relativa indiferenciação com a mãe (Mahler, 1982, 1986). Nessa linha de raciocínio, o fato de a mãe não utilizar o nome próprio do bebê recém-nascido nada mais faz do que refletir seu modo de funcionamento interno. Aos 0;3 de idade o bebê já não é um desconhecido para a mãe; ele é, um indivíduo que começa a constituir-se e já possui uma designação singular, seu nome próprio.

O nome próprio da criança, na referência ao destinatário, é encontrado também na fala das mães dos três sujeitos pesquisados a partir de 1;6. Esse uso, porém, vai declinando à medida em que a criança cresce: simultaneamente, a criança vai cada vez mais se apresentando como um eu e vai sendo cada vez mais considerada pela mãe como um tu. A escolha de formas de referência ao destinatário quando a mãe se dirige ao seu filho, entre 1;6 e 3;0 anos, é influenciada não apenas por esses aspectos extralingüísticos, mas também por fatores sintáticos e semântico-pragmáticos, como o fato de referir-se ou não ao contexto do "aqui-e-agora" (para detalhes consultar Issler, 1997).

A mãe também emprega formas referencias convencionais quando fala com seu filho, desde recém-nascido. Segundo Rabain-

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA FALA DA CRIANÇA PEQUENA

Durante o período em que a criança está adquirindo os pronomes pessoais 'eu' e 'tu' ela utiliza formas nominais ou pronomes não-convencionais, tanto na auto-referência quanto na referência ao destinatário. Considero que ela não está propriamente cometendo erros, mas fazendo uso das possíveis formas referenciais que lhe são apresentadas na fala que lhe é dirigida. O uso de uma ou de outra forma não é aleatório e corresponde às construções internas da criança, tanto de seu sentido de identidade quanto de seu conhecimento do sistema referencial de sua língua. À medida que a criança cresce as formas não-convencionais de referência vão sendo suprimidas até que, por volta dos 3 anos de idade, ela passa a usar habitualmente os pronomes pessoais de 1ª e de 2ª em seu uso convencional.

As formas nominais 'mãe' ou 'mamãe' na referência ao destinatário foram as primeiras encontradas nas quatro crianças (Guilherme, João, Rafael e Tatiana), indicando a capacidade de reconhecer a mãe como uma pessoa distinta delas:

M: Vamo, Senta então que nós vamo jogá.

R: *A mamãe*. [Rafael 1;6, sentando-se perto da mãe]

[Guilherme brinca com a mãe que iria derrubá-la]

G: *Mamãe tchum. Mamãe pumba...chão*. [Guilherme 1;8]

Uma vez que as mães se auto-referem por 'mamãe' ou 'mãe' desde os primeiros contatos com o filho recém-nascido, não é casual a escolha dessa forma para referi-la. As crianças seguiram empregando formas nominais de referência ao destinatário por algum tempo, variável entre as crianças, parando de utilizá-las após adquirir o pronome 'tu' (sobre os contextos de uso das formas nominais consultar Issler, 1997).

Rafael, Tatiana e Guilherme passaram por um período em que se deram conta que a mãe tinha um nome próprio e usaram-no para referi-la. Guilherme, aos 2;5, externa suas reflexões sobre a relação entre os termos 'mãe' e 'Denise' e parece perplexo ao constatar que 'mãe' não é um "nome" exclusivo de sua própria mãe:

⁵ Nos dados pesquisados, o papel de destinatário foi ocupado pela mãe em função de estarem sempre em interação com a criança durante as gravações de coleta de dados. Reconheço a importância do papel ocupado pelo pai na relação com o filho pequeno e a possibilidade de as formas 'papai' e 'pai' também estarem entre as primeiras referências ao destinatário empregadas pela criança.

Jamin e Sabeau-Jouannet (1989), os pais evitam usar o pronome 'eu' na auto-referência quando estão usando esse pronome desde o lugar do bebê. No entanto, constatei o uso de 'eu' na auto-referência desde que a mãe inicia sua relação com o filho recém-nascido, embora coexista com formas não-convencionais de auto-referência:

M: Ai, *eu* que tô mal colocada agora. [Roberto 23 dias]

M: É muito à toa essa menina. *Eu* não quero mais. [Paula 0;1]

Quanto ao pronome convencional para referir ao destinatário - 'tu', também é possível observar seu uso já na fala da mãe dirigida ao bebê recém-nascido, também coexistindo com formas referenciais não-convencionais na referência ao destinatário:

M: *Tu* mamou não faz muito tempo. [Roberto 23 dias]

M: O que tá *te* incomodando? A mãe apertô a fralda?

M: *Tu* tava rindo... [Carolina 0;1]

O uso de 'tu' significa para Rabain-Jamin e Sabeau-Jouannet (1989) que a mãe está enfatizando o lugar do bebê como um sujeito que está experienciando a ação ou sentimento referido. Para mim, a mãe, ao dirigir-se ao bebê como um tu, marca, para ambos, a possibilidade de ele vir a preencher plenamente o papel de destinatário, ainda que, nesse momento, ele não seja capaz de responder às perguntas e comentários que lhe são dirigidos. Não é somente ao bebê que é realçada essa possibilidade: o uso de 'tu' pode ser considerado como um modo lingüístico que auxilia a mãe a construir, internamente, a representação de seu filho recém-nascido como um sujeito separado e distinto dela.

Os pronomes 'eu' e 'tu' seguem sendo utilizados pela mãe e, mais tarde, quando a criança passa a produzir esses pronomes, são empregados em diálogos nos quais todos os participantes realizam alternância das referências:

T: *Eu* quero a vermelha. [a colher]

M: Tá. *Eu* vô pegá esta aqui. [a colher amarela]

T: *Tu* pega ela [dá uma vasilha], *eu* vô pegá ela [outra]
[Tatiana 2;1]

Na fala dirigida ao bebê, há também o uso convencional de 'nós', 'a gente' e 'vamos', o que se observa cada vez mais à medida que a criança cresce:

M: Doutra vez *nós* vamo fazê de tarde [a filmagem]. [Paula 0;1]

M: Senta Rafinha *pra nós* jogá a bolinha. [Rafael 1;6]

[Guilherme ouviu Teté, a filha da babá, chamando a mãe dela]

G: A Teté chamou tu de 'mãe'! [diz para Cacá, a babá]

M: A Cacá é a mãe dela.

G: E eu vô chamá tu de 'mamãe Denise'. [Guilherme 2;5]

A compreensão de que a mãe tem um nome próprio pode ajudar a criança a reconhecer que a mãe é um indivíduo separado e distinto dela, cuja existência não está, de todo, atrelada à sua própria existência. Do mesmo modo, o fato de ouvir outras pessoas sendo chamadas por seus filhos de 'mãe' pode ajudar a criança a reconhecer em outras díades o mesmo tipo de relação que estabelece com sua mãe e a perceber-se como um indivíduo nessa relação. Em termos lingüísticos, mesmo que 'mãe' seja um substantivo comum, para a criança e sua mãe ele tem um funcionamento que, em parte, é similar ao de um nome próprio. A mãe não é 'uma mãe', mas 'A Mãe', naquela díade. Porém, ao mesmo tempo, 'mãe' não é um nome próprio, um rótulo que acompanha o referente, independentemente da relação que ele estabelece com diferentes interlocutores. 'Mãe', funcionando como um nome próprio, está atrelado à relação com o filho: apenas ele pode nomear sua mãe assim; somente nessa situação, o substantivo 'mãe' designa um referente único e particular (o que não ocorre quando outras pessoas, comumente em serviços de saúde, chamam as mães de 'mãe' ou 'mãezinha').

Mas além de utilizarem 'mãe' na referência ao destinatário, muitas crianças também utilizam formas nominais na auto-referência:

D: A pasta do papai. [pesquisadora olhando uma pasta]

T: *Tatata*. [corrigindo a pesquisadora]

M: É, o papai deu esse aí pra Tatiana. Pra Tatiana brincá. [Tatiana 1;10]

M: Tá, jogo a bola pra quem?

J: *João*. [Mãe e João 2;6 jogando bola]

Guilherme começa se auto-referindo por 'nenê' e, quando seus pais, deliberadamente, passam a referi-lo pelo nome próprio ele também passa a usá-lo:

G: O *nenê* viu a formiga. [falando sozinho – Guilherme 1;11]

G: *Guilherme* lavá o bico do *Guilherme*. [bico caiu no chão] [Guilherme 2;2]

G: *Guilherme* peguei a moeda e joguei lá em cima. [mãe o proibira de ficar com a moeda que achara] [Guilherme 2;2]

Embora esse uso seja bastante comum, alguns autores como Huxley (1970) e Oshima-Takane (1985) relatam casos de crianças que não utilizam formas nominais na auto-referência, como Rafael, nesta pesquisa. Após o surgimento das primeiras formas pronominais de 1ª pessoa, algumas crianças, como Tatiana e Guilherme, alternam a auto-referência nominal com pronominal:

[Mãe convida para tomar banho antes de começar a gravação]

T: Não. *Tatata* vendo. [pela filmadora] *Eu* vô vê. *Eu* vô vê. [Tatiana 2;0]

G: *Guilherme* vai o quarto do *Guilherme* pegá pauzinho.

[vai até lá pegar a "espada" e volta para o quarto da mãe]

G: Mamãe, acende a luz. *Eu* vô procurá um pauzinho a *mim*. [Guilherme 2;3]

Na fala de Guilherme e de Tatiana foi possível observar que, após a aquisição do pronome 'eu', o nome próprio continuou sendo empregado pelas crianças fora da situação do "aqui-e-agora", isso é, para se referir a eventos passados, situações de faz-de-conta ou eventos a ocorrerem no futuro:

[Guilherme tenta explicar para o pai que está procurando um frasco de xampu]

G: *Guilherme* era bem pequenininho, *Guilherme* usava aquilo. [Guilherme 2;6]

[Tatiana fala por dois bonecos, fazendo vozes diferentes]

T: A minha bonequinha, é.

T: A *Tatiana* botô ali. [Tatiana 2;4]

[O computador é transferido da sala para o quarto dos pais]

M: De noite, se tu levanta cuida pra não pechá no computador.

G: *Guilherme* vai desviá. [Guilherme 2;5]

As mães parecem sintonizadas com essa dificuldade da criança em fazer referências pronominais que se afastem do "aqui-e-agora", por isso, também utilizam, por essa época, referências nominais (para detalhes ver Issler, 1997).

A utilização das formas referenciais de 3ª pessoa, fenômeno pouco descrito na literatura sobre a aquisição pronominal, foi observada apenas em Guilherme, preferencialmente na auto-

⁵ Uma situação fora do contexto do "aqui-e-agora" analisada com detalhe em minha tese foi a escolha de formas referenciais, pela mãe e pela criança, quando diante do espaço virtual criado por suas imagens em espelhos e em fotografias (ver capítulo 4, Issler, 1997).

referência (note-se que ele privilegia também o uso do nome na auto-referência, o que torna a co-referencialidade dos pronomes de 3ª pessoa linguisticamente lógica):

- G: O Guilherme não gosta mel, *ele* gosta bolo mamãe, gosta geléia... [Guilherme 2;1]
G: O Guilherme não qué a meia *dele*. [tirando as meias] [Guilherme 2;3]

Em seu diário há ainda uma única ocorrência em que um pronome possessivo de terceira pessoa é utilizado como co-referencial à forma nominal 'mamãe':

- G: Mamãe, achou? [uma almofada do quarto dela]
G: Tava lá (n)o quarto tu?
[Guilherme vai até o quarto da mãe]
G: Mamãe, tava aqui (n)o quarto *dela*? [Guilherme 2;4]

Crianças que apresentam um desenvolvimento normal também podem produzir pronomes invertidos, ainda que raramente, sendo mais comum na auto-referência, isto é, a produção de pronomes de 2ª pessoa em vez dos convencionais pronomes de 1ª pessoa. Nas crianças pesquisadas apenas Guilherme e Tatiana apresentaram algumas inversões, esporádicas, sendo as dele tanto na auto-referência quanto na referência ao destinatário:

- M: É teu? [um boneco de Tatiana]
T: *Teu*. (...)
M: Ah! Tá, então diz assim: 'Meu'.
T: *Meu*. [Tatiana 1;8]
M: Quem foi que cortou o cabelo no shopping?
G: O Guilherme.
M: Tu?
G: *Tu*. [Guilherme 2;2]
M: Como eu? [mãe pergunta sobre a gelatina]
G: *Come eu*.
M: Quem vai comê, eu ou tu? [mãe não entende]
G: A mamãe come. (...) Guilherme não qué gelatina. [Guilherme 2;1]

Esses exemplos de Guilherme, nos quais ele utiliza formas nominais e gestos, demonstram que, em seu caso, a inversão dos pronomes, a partir de imitação, não está associada a uma confusão entre si próprio e o outro, mas sim devido a uma dificuldade em lidar com a alternância de referência dos pronomes em um mo-

mento no qual eles ainda não são plenamente compreendidos e produzidos.

Quanto às formas pronominais convencionais na fala das quatro crianças, as primeiras ocorreram na auto-referência, entre as idades de 1;8 e 1;11, através de um uso formulaico, isso é, sem o status de palavra independente usada produtivamente:

- J: *Ã, ã, meu!* [João 1;8 tenta pegar um pacote de biscoitos]
M: Diz, Pluto. O Pluto diz assim: 'Me dá leite'.
T: *Me dá* leite. [Tatiana 1;8, brincando de faz-de-conta com bonecos]
M: De quem é essa mamadeira?
R: *É meu!* [Rafael 1;10 pega a mamadeira]
G: *Dá mim!* [Guilherme 1;11, pedindo um brinquedo]

Na literatura psicológica esse uso é interpretado quanto ao seu significado afetivo. A criança atravessa uma fase de seu desenvolvimento emocional na qual percebe-se separada da mãe, o que a leva à necessidade de retomar o contato físico com ela. Nessa fase, que Mahler (1982) denomina de 'fase de reaproximação', a criança, além de reconhecer a mãe como pessoa separada, passa a perceber a existência dos outros, em especial, das outras crianças. O surgimento das expressões 'é meu' e 'eu quero' cumprem o papel fundamental no seu desejo de ter o que é da outra criança, ou de um outro. Segundo Fraiberg, no início das produções pronominais da criança há "um 'eu' procurando satisfação, um 'eu' cheio de vontades ou desejos" (1980, p. 140).

Decorrido um tempo desde as primeiras produções dos produções de 'eu' e 'meu', que variou de criança para criança, ela vai expandindo seu uso, incluindo-os em novas construções, e também acrescenta novos pronomes de 1ª pessoa ao seu vocabulário:

- T: Pega! [o palhacinho] Pega *pra mim?* [Tatiana 1;10]
R: *Eu* tenho um dodói ó. [Rafael 2;0]
G: Cadê o lápis *meu?* [Guilherme 2;2]
G: *Eu* vô brincá. *Eu* vô naná. (...) *Eu* vô dormi. [Guilherme 2;3]
J: *Eu* vai buscá o carrinho. [João 2;7]

Mesmo já utilizando o pronome 'eu' em diversas construções, é possível observar a criança alternando-o com o nome próprio, como Guilherme:

G: *Eu quero* ficá escondido.

G: *O Guilherme* *quê* ficá escondido. [Guilherme 2;3]

Todas as crianças pesquisadas produziram formas pronominais convencionais de auto-referência algum tempo antes de produzir formas pronominais de referência ao destinatário. Esse tempo foi variável de criança para criança:

G: *Qué* café mãe? [oferece o irmão]

M: *Eu* quero.

R: *Tu* não, mãe. *Tu* não. [Rafael 2;0]

[Tatiana distribui colheres e vasilhas para si e para a mãe]

T: *Tu* pega ela [uma vasilha], eu vô pegá ela. [outra]

[Tatiana 2;1]

G: Caiu o bico!

M: Vai buscá!

G: Não, pega *tu*! [Guilherme 2;2]

J: Onde *tu* vai? Onde *tu* vai? [para a pesquisadora – João 3;0]

A princípio 'tu' pode ser utilizado para qualquer referência ao destinatário, sem levar em conta diferenças gramaticais das formas pronominais:

G: O cabelo *tu* tá voando. [mãe na frente do ar condicionado]
[Guilherme 2;4]

G: Eu vô jogá *tu*. [antes de atirar um brinquedo para a mãe]
[Guilherme 2;4]

mas logo o pronome de segunda pessoa adquire as marcas gramaticais de caso, gênero e número:

G: Quero vê *contigo*. [mãe lhe dissera para ver TV sozinho]
[Guilherme 2;4]

G: Mamãe, me empresta *as tuas* pombinhas? [enfeites]
[Guilherme 2;5]

T: *Eu* joguei ela [a bola] Joguei *pra ti*. [Tatiana 2;9]

Tatiana brinca de faz-de-conta, demonstrando que reconhece que até mesmo um boneco pode ser referido por 'tu' na posição de destinatário:

[Tatiana brinca e fala por dois bonecos]

T: Sô um palhacinho. Tudo bem?

T: Tudo. Onde *tu* tá?

T: *Eu* tô brincando aqui.

T: E *eu* também. Olha aqui. [Tatiana 2;3]

Guilherme demonstra, claramente, ter aprendido que 'tu' designa qualquer pessoa com a qual fala e que, portanto, tem o referente variável:

[Sentado à mesa, brincando distraído após ter almoçado.]

G: Terminô? [para mãe]

G: E *tu*, terminô? [para Juliana, a filha da babá]

G: Terminô *tu*? [para Cacá, a babá – Guilherme 2;5]

Logo as crianças dominam o sistema referencial pronominal. Aos 2;6 Guilherme domina, além da alternância de referência e da variabilidade de referência, a possibilidade de os pronomes variarem em relação a um mesmo referente em diferentes papéis na conversação:

[Mãe conta um episódio para a tia e comenta que Guilherme perguntou para o pai "Te enganou?". Guilherme ouve atentamente e interfere]

G: Daí *ele* disse pra mim "Não *me* enganei". [Guilherme 2;6]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investiguei a aquisição dos pronomes pessoais 'eu' e 'tu' ao longo dos três primeiros anos de vida da criança a partir de duas vertentes: a fala da mãe e a fala da criança pequena. A inclusão da fala da mãe justifica-se pelo fato de ser impossível estudar o desenvolvimento infantil nos seus primeiros anos sem fazer menção à parceira da criança nessa jornada: sua mãe. Winnicott, já na década de 40 afirmou que:

"Um bebê é algo que não existe, querendo dizer, naturalmente, que sempre que encontramos um bebê, encontramos a maternagem, e que, sem a maternagem, não existiria bebê algum." (1982, p. 42).

Para Winnicott (1982), são os cuidados maternos que tornam possível o *self* em formação do bebê. Procurei demonstrar que a linguagem materna, no tocante à utilização das formas referenciais, desempenha um importante papel nesses cuidados. A grande variabilidade de formas referenciais empregadas pela mãe ao se dirigir ao bebê e à criança pequena, longe de causar confusão (como supôs Wills, 1977), representa uma boa capacidade da mãe em exercer a maternagem e em se adequar às necessidades de seu filho em desenvolvimento.

Embora haja diferenças individuais na fala das mães, pode-se verificar que durante os três primeiros anos de vida da criança há

formas que começam a ser utilizadas e outras que são suprimidas. Os dados lingüísticos de fala das mães, confrontados com as etapas do desenvolvimento psíquico e cognitivo do bebê, sugerem que a utilização de diferentes formas referenciais não é aleatória. Essa utilização é, em parte, dependente do contexto de enunciação, mas, também, de aspectos do psiquismo de cada um dos membros da díade mãe-bebê. Desde o início, quando a mãe começa a se relacionar com seu bebê, ela refere-o por diferentes formas, que vão construindo para ela própria, e também para seu bebê, sua identidade na relação. As várias formas referenciais demonstram como a mãe transita entre os pólos SER EU/SER NÃO-EU (OUTRO) e ESTAR JUNTO/ESTAR SEPARADO:

- a mãe pode identificar-se com seu bebê, assumir o lugar dele e falar como sua porta voz, criando um espaço virtual no qual diz 'eu' pelo falante virtual – bebê;
- a mãe pode indiferenciar-se do seu bebê e dizer 'nós';
- a mãe pode tratar seu bebê como um interlocutor capaz de interagir plenamente com ela e dirigir-se a ele por 'tu';
- a mãe pode colocar-se a uma certa distância do seu bebê e tratá-lo por 'ele', criando uma situação e um espaço para um terceiro interlocutor potencial;
- a mãe pode, depois de passado o primeiro mês de contato com esse bebê "desconhecido", ressaltar sua singular individualidade tratando-o pelo nome próprio.

Mahler (1982), em termos de desenvolvimento psíquico, aborda essa mesma problemática ao demonstrar como se dá o processo de separação-individuação do bebê. Esse processo, que se inicia por volta do quinto mês de vida do bebê, após uma fase de indiferenciação mãe-bebê, estende-se até por volta de três anos de idade e reflete-se na FDCP. Ao longo desse período, em que o bebê vai se separando da mãe e se individualizando, a mãe vai suprimindo algumas formas referenciais em sua fala. Antes de ele completar 1 ano de idade não se observam mais, na fala da mãe, sinais de indiferenciação: a mãe não fala mais 'eu' desde o lugar do bebê e não usa mais 'nós' de forma indiferenciada. A criança de 1 ano agora é um 'tu', um 'ele' e um alguém (um nome). A criança de 1;6 a 3;0 vai cada vez mais assumindo seu lugar como um indivíduo na relação com a mãe e passa a interagir verbalmente com ela. A linguagem da mãe reflete sua adequação a essas mudanças: a criança deixa de ser um 'ele', deixa de ser um 'nome' e chega aos 3 anos de idade sendo um 'tu' aos olhos da mãe.

Durante esses três anos, as formas referenciais também marcam as diferentes posições que a mãe pode vir a assumir na relação: ora é o destinatário virtual da fala desde o lugar do bebê – 'tu', ora é 'nós', ora é alguém de quem se fala – 'ela', ora é 'mamãe' e, como não poderia deixar de ser, ora é 'eu'. Quando a criança atinge 3 anos de idade a mãe já suprimiu outras formas de auto-referência (exceto usos ocasionais de 'mãe') e é um 'eu' na FDCP.

Na relação mãe-filho, esse uso ocasional dos termos 'mãe' e 'mamãe' na auto-referência pode ser encontrado quando a criança tem 3;0 ou mesmo mais idade. É possível observar essa quebra na regra de pronominalização da referência ao falante e o conseqüente uso de 'mãe' ou 'mamãe' ocorre tanto por razões de ordem psíquicas quanto lingüísticas. 'Mãe' resalta a forte relação de dependência a que está sujeito o bebê e a criança pequena e tende a ser utilizado pelas mães quando o filho crescido está mais fragilizado, dependendo de cuidados maternos. Isso é possível porque o termo 'mãe' é um designador especial, ele funciona como um nome próprio apenas na relação mãe-filho e, nesse caso, singulariza a função designada. Se eu disser para meu filho de 7 anos, adoentado, "A Denise vai te dá remédio", claramente me coloco como um outro, separado e afastado da relação. Porém, se eu disser "A mãe vai te dá remédio", ao contrário, singularizo o papel de cada um na relação, aproximando-nos, pois remeto-nos a situações anteriores de dependência. A quebra da regra de pronominalização é a mesma, o referente é o mesmo, mas o significado da forma referencial não.

Quanto à fala da criança, a partir de 1;6, também se observa, na linguagem, os reflexos de sua estruturação psíquica. Ela começa marcando, na linguagem, a separação EU-OUTRO através da utilização de referências nominais ao destinatário. Pouco depois torna-se capaz de referir a si própria nessa relação. A maioria das crianças emprega a princípio seu nome próprio na auto-referência, e outros, como Rafael, por razões ainda desconhecidas, desde o início são capazes de utilizar o pronome 'eu'. À medida que se desenrola o processo de separação-individuação, a criança vai integrando sua individualidade e passa a se auto-referir por 'eu'. O outro-mãe, embora seja o primeiro a ser referido por formas nominais, é o último a ser reconhecido em sua individualidade como 'tu'. Esse processo é percorrido por cada criança de um modo singular, pois nele estão envolvidas sua individualidade e sua relação com a mãe.

Mas é um engano crer que o 'eu' da criança pequena tem o mesmo significado que o do adulto. Para a criança pequena o 'eu'

parece estar preso de tal modo ao contexto do "aqui-e-agora" que não pode se deslocar no tempo – no passado e no futuro –, nem no espaço – no espaço virtual criado pelo espelho. Para um adulto, embora se ancore no contexto do "aqui-e-agora" (Lyons, 1982), 'eu' pode ser estendido a todas as situações nas quais o referente desse pronome está envolvido: "Eu fiz algo ontem", "Eu farei algo amanhã" ou "Sou eu aquele no espelho". Na criança isso não ocorreria em função dela estar se estruturando como indivíduo e ainda não ser capaz de integrar todas as representações de si. Na linguagem haveria um reflexo disso através do uso do nome próprio nas situações fora do contexto do "aqui-e-agora": o nome, mesmo tendo o mesmo referente de 'eu', ainda assim não "sou eu". A mãe, por sua vez, parece sensível a essa dificuldade da criança pequena pois, nos mesmos contextos, também utiliza formas nominais nas referências.

Compartilho com Fraiberg e Adelson da concepção de que "a aquisição dos pronomes pessoais vai além da prática com ferramentas gramaticais" (1973, p. 541). Há fortes indícios da ligação entre o uso dos pronomes pessoais pela criança, em especial do 'eu', e a questão da estruturação do *self*. Mas, para mim, a linguagem não pode ser vista apenas como um reflexo da estruturação psíquica pois, simultaneamente, a utilização de diferentes formas referenciais contribui para essa estruturação. A linguagem é, dialeticamente, fonte e indício da estruturação psíquica. No caso da aquisição dos pronomes 'eu' e 'tu' e das conseqüentes inter-relações com o desenvolvimento psíquico sugiro que *adquirir esses pronomes é uma conquista da díade mãe-filho, e não apenas da criança.*

As intersecções entre a Linguística e a Psicologia que apresentam, além de trazerem novas possibilidades de entendimento para ambas as áreas, permitem que se tenha uma visão mais integrada da criança em desenvolvimento e uma melhor compreensão da relação mãe-bebê. Além disso, a observação da linguagem da díade mãe-filho pode vir a servir como um indicativo de saúde ou de patologia, o que poderia vir a ajudar, em conjunto com outros indicadores de nível comportamental e afetivo¹¹, a realizar diagnósticos e intervenções mais precoces, visando a profilaxia da saúde mental da criança.

¹¹ O psicólogo Edson Sá Borges, do Hospital de Pronto-Socorro de Porto Alegre, em comunicação pessoal, relatou que mães que maltratam seus bebês, entre outros sintomas observados na relação, não se dirigem verbalmente a eles.

Referências bibliográficas

- BAIN, R. The self-another words of a child. *American Journal of Sociology*, v. 41, p. 767-775, 1936.
- BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*. France: Gallimard, 1966.
- BETTELHEIM, Bruno. *A fortaleza vazia*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- BRENER, Rosemary. Learning the deictic meaning of third person pronouns. *Journal of Psychological Research*, v. 12, n. 3, p. 235-262, 1983.
- CHARNEY, Rosalind. *The development of personal pronouns*. PhD. dissertation. University of Chicago, 1978.
- CLARK, Eve. From gesture to word: on the natural history of deixis in language acquisition. In: BRUNER, J. S., GARTON, A. (eds.). *Human growth and development: Wolfson College lectures*. Oxford: Oxford University Press, 1978.
- COOLEY, Charles. A study of the early use of self-words by a child. *The Psychological Review*, v. 15, n. 6, p. 339-357, 1908.
- FERGUSON, Charles. Baby talk as a simplified register. In: SNOW, Catherine E., FERGUSON, Charles A. (eds.) *Talking to children*, Cambridge: C.U.P., 1977.
- FRAIBERG, Selma H. *Os anos mágicos*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- FRAIBERG, Selma H., ADELSON, Edna. Self-representation in language and play: observations of blind children. *Psychoanalytic Quarterly*, v. 42, p. 539-562, 1973.
- GLEASON, Jean Berko Talking to children: some notes on feedback. In: SNOW, Catherine E., FERGUSON, Charles A. (eds.) *Talking to children*. Cambridge: C.U.P., 1977.
- HUXLEY, Renira. The development of the correct use of subject personal pronouns in two children. In: FLORES d'ARCAIS, G. B., LEVELT, W. J. M. (eds.). *Advances in psycholinguistics*. Amsterdam: North-Holland, 1970.
- ISSLER, Denise S. *A aquisição dos pronomes 'eu/tu' em relação ao desenvolvimento da noção de pontos de vista espaciais*. Porto Alegre, 1993. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes da PUCRS.
- ISSLER, Denise S. *A aquisição de 'eu' e 'tu': intersecções entre a Linguística e a Psicologia*. Porto Alegre, 1997. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- LOVELAND, Katherine A. *Learning about points of view: the acquisition of reciprocal deictic terms*. PhD dissertation. Cornell University, 1980.
- LOVELAND, Katherine A. Learning about points of view: spatial perspective and the acquisition of 'I/you'. *Journal of Child Language*, v. 11, p. 535-556, 1984.
- LYONS, John. *Semantics*. 2 v. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- LYONS, John. Deixis and subjectivity: Loquor, ergo sum? In: JARVELLA, R. J., KLEIN, W. (eds.). *Speech, place and action*. London: Wiley, 1982.
- MAHLER, Margaret. *O processo de separação-indivuação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- MAHLER, Margaret; PINE, Fred; BERGMAN, Anni. *O nascimento psicológico da criança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- NEWPORT, Elisa L. Motherese: the speech of mothers to young children. In: CASTELLAN, N. J., PISONI, D. B., POTTS, G. (eds.) *Cognitive theory*, v. 2. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1977.

- OSHIMA-TAKANE, Yuriko. *The learning of pronouns*. PhD dissertation. McGill University, 1985.
- OSHIMA-TAKANE, Yuriko. Children learn from speech not addressed to them: the case of personal pronouns. *Journal of Child Language*, v. 15, p. 95-108, 1988.
- RABAIN-JAMIN, Jacqueline, SABEAU-JOUANNET, Emilie. Playing with pronouns in French maternal speech to prelingual infants. *Journal of Child Language*, v. 16, p. 217-238, 1989.
- SHARPLESS, Elizabeth Anne. *Children's acquisition of person pronouns*. PhD dissertation. Columbia University, 1974.
- SOULE, Michel. O filho da cabeça, o filho imaginário. In: BRAZELTON, T. Berry et al. *A dinâmica do bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- STRAYER, Janet. *The development of personal reference in the language of two-year-olds*. Unpublished doctoral dissertation. Simon Fraser University, 1977.
- TANZ, Christine. *Studies in the acquisition of deictic terms*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- WARYAS, Carol L. Psycholinguistic research in language intervention programming: the pronoun system. *Journal of Psychological Research*, v. 3, n. 3, p. 221-237, 1973.
- WILLS, Dorothy D. Participant deixis in English and baby talk. In: SNOW, Catherine E., FERGUSON, Charles A. (eds.) *Talking to children*. Cambridge: C.U.P., 1977.
- WINNICOTT, Donald W. *Textos selecionados da Pediatria à Psicanálise*. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.